



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL UFBA/SEB/MEC**

**DANIELA LOUREIRO BARRETTO**

**LELÊ GOSTA DO QUE VÊ, E VOCÊ? AS TRAVESSIAS DAS  
CRIANÇAS NO PERCURSO DA SUA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Salvador  
2016

**DANIELA LOUREIRO BARRETTO**

**LELÊ GOSTA DO QUE VÊ, E VOCÊ? AS TRAVESSIAS DAS  
CRIANÇAS NO PERCURSO DA SUA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós Graduação em Docência na Educação Infantil UFBA/SEB/MEC, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosemary Lapa de Oliveira.

Salvador  
2016

**DANIELA LOUREIRO BARRETTO**

**LELÊ GOSTA DO QUE VÊ, E VOCÊ? AS TRAVESSIAS DAS CRIANÇAS NO  
PERCURSO DA SUA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 19 de junho de 2016

Profa. Dra. Rosemary Lapa de Oliveira – Orientadora \_\_\_\_\_

Universidade Federal da Bahia (UFBA) /Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Profa. Dra. Andréa Betânia da Silva \_\_\_\_\_

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

A  
João e Norma, por tudo que eu sou.  
Giovanna, pelas suas travessuras, que tanto me alegram.

## **AGRADECIMENTOS**

São muitos, caros e de coração...

Primeiramente a Deus, minha fonte inesgotável de luz e paz.

A minha família pelo apoio e pela compreensão quando estive ausente dos encontros.

À Professora Doutora Rosemary Lapa, minha orientadora, sempre presente e disposta, me incentivando e colaborando com suas preciosas orientações.

Às crianças que foram os sujeitos da pesquisa, sem elas não seria possível a realização deste trabalho.

A todos os professores do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

Às professoras de ACPP, Regina e Neuza, pelo incentivo, paciência e apoio.

À Professora Doutora Lícia Beltrão, coordenadora do curso, pela sua doçura e tranquilidade na condução dos trabalhos.

A toda equipe de organização do curso, nas pessoas das professoras Lícia Beltrão, Mary Arapiraca, Vanilza Jordão, Regina Gramacho, Neuza Paim, Risonete Almeida, Rosy Lapa, Ana Paula Conceição e Edna.

Às colegas do curso de especialização em Docência na Educação Infantil pelo apoio e pela troca de conhecimentos e experiências.

À gestão do CMEI, nas pessoas de Cristiane Alves e Adelina Hayne, onde a pesquisa foi realizada

À colega Eliazar Porto, pelos nossos momentos de estudo em sua casa.

À banca examinadora, nas pessoas das Professoras Doutoras Rosemary Lapa de Oliveira e Andréa Betânia da Silva, desde já, pela sua avaliação e pelas suas caras contribuições.

A Professora Doutora Olímpia Santana pelo seu carinho e disponibilidade para a revisão.

A todos, muito obrigada!

“Quando eu te encarei frente a frente,  
não vi o meu rosto,  
chamei de mau gosto o que vi,  
de mau gosto, mau gosto...  
“É que Narciso acha feio o que não é espelho...””

Caetano Veloso

BARRETTO, Daniela Loureiro. “Lelê gosta do que vê, e você? As travessias das crianças no percurso de sua construção” identitária. 53 f. 2016 Trabalho de Conclusão de Curso (Pós Graduação em Docência na Educação Infantil). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a relação entre as representações simbólicas e as identidades das crianças a partir da história “O cabelo de Lelê”. Os objetivos específicos são descrever a relação entre a contação de história e a relação que a criança faz consigo mesma, explicitar a situação identitária das crianças de descendência afro a partir da história “O cabelo de Lelê” e descrever a relação que as crianças fazem entre a história e as suas ideias construídas sobre etnias. Escolhi a história em tela por contemplar os sujeitos da pesquisa, que são, em sua maioria, de descendência afro. A pesquisa foi desenvolvida em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado em um bairro central de Salvador e os sujeitos da pesquisa foram quinze crianças, sendo dez meninos e cinco meninas. Realizei uma etnopesquisa de base qualitativa e os sujeitos da pesquisa foram as próprias crianças da minha sala de aula. Para preservar a identidade dos sujeitos, foram utilizados nomes fictícios como Lalá, Lelé, Lili, Loló, Lulu, Leli, Luli e Lalu. Para analisar os dados, tomei de empréstimo os teóricos Stuart Hall (2006) e Lev Vigotsky (1992). O resultado da pesquisa foi que, em sua maioria, as crianças demonstraram uma atitude repulsiva em relação ao cabelo da personagem da história, com a exceção de Lalá e Lulu que aceitaram bem a história, se identificaram completamente com ela, demonstraram reconhecimento com a personagem da história a todo o momento. Ambos são de descendência afro e eles tiveram essa atitude possivelmente porque cresceram em um meio onde a cultura afro é valorizada. A literatura muito contribui para a formação das identidades das crianças. A identidade é construída ao longo da vida e, segundo Hall, ela muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado.

Palavras-chave: cabelo, criança, contação de história, identidade, literatura, representação simbólica.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACPP Ação Crítica da Prática Pedagógica.

ADI Auxiliar de Desenvolvimento Infantil

CMEI Centro Municipal de Educação Infantil

DCNEI Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

ECA Estatuto da Criança e do Adolescente

FACED Faculdade de Educação

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC Ministério da Educação e Cultura

RCNEI Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil

SEB Secretaria de Educação Básica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ASSIM VAI COMEÇAR.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>LELÊ AMA O QUE VÊ: E VOCÊ? AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E A IDENTIDADE DAS CRIANÇAS.....</b>	<b>19</b>
2.1	REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS.....	20
2.2	A QUESTÃO DA IDENTIDADE.....	21
2.3	UMA BREVE HISTÓRIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....	23
2.4	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	29
2.5	AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DAS CRIANÇAS E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA.....	31
<b>3</b>	<b>E FOI ASSIM QUE TUDO ACONTECEU: PERCURSOS E PERCALÇOS.....</b>	<b>36</b>
3.1	CENÁRIO E SUJEITO DA PESQUISA.....	38
3.2	AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DAS CRIANÇASE SUA RELAÇÃO COM O CABELO DE LELÊ.....	40
3.2.1	Fala Repulsiva: “É Que Narciso Acha Feio o Que não é espelho” .....	42
3.2.2	Fala Contraditória: “Ergue e destrói coisas belas” .....	43
3.2.3	Fala Reconhecimento: “Chamei de mau gosto o que vi”.....	44
3.2.4	Fala Identitária: “E novos baianos te podem curtir numa boa”.....	45
<b>4</b>	<b>E AS CRIANÇAS VÃO CONSTRUINDO SUAS IDENTIDADES PARA SEMPRE .....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>

## 1 ASSIM VAI COMEÇAR...

Há muito e muito tempo, ainda na época da escravização dos povos africanos no Brasil, iniciou-se a Educação Infantil. No entanto, ela apenas firmou-se no mundo na década de 30 do século XX. Ela surgiu, dentre outras causas, com a necessidade da mulher trabalhar fora de casa.

No Brasil, a educação infantil chegou à década de 70, do século XX com o nome de pré-escola. Naquela época, não existiam professores, apenas voluntários e o caráter era puramente assistencialista.

Com o advento da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que é a nossa Lei Maior, a Educação Infantil passou a ser regulamentada no Brasil. Na década de 90, surgiu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Dessa forma, hoje a educação infantil é regulamentada pela Constituição da República, pelo ECA e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI). Essas Diretrizes norteiam os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI)

Sendo assim, o tripé da educação infantil: brincar, cuidar e educar não podem ser dissociados. Eles têm que caminhar juntos. No entanto, alguns professores equivocadamente acreditam que o “cuidar” na educação infantil está apenas direcionado às auxiliares de desenvolvimento infantil (ADI), o que é um pensamento realmente equivocado, pois também cabe ao professor brincar e cuidar da criança, uma vez que a brincadeira e a ludicidade são essenciais para o aprendizado na Educação Infantil. Quando o professor tem esse entendimento, ele dá um sentido inferior à brincadeira, como se ela fosse menos importante; da mesma forma quando ele não quer cuidar da criança como dar um banho, pois tem a concepção de que esse papel “inferior” é apenas da ADI. Os Referenciais apontam eixos, tais como: Movimento, Matemática, Linguagem Oral e Escrita, Artes Visuais, Conhecimento de Mundo e Música. São muito importantes todos os eixos dos RCNEI, no entanto tratarei nesta presente pesquisa apenas da Linguagem Oral e Escrita, uma vez que pretendo tratar da questão identitária, a partir da literatura “O cabelo de Lelê”, livro de Valéria Belém.

A Linguagem Oral e Escrita sempre teve um lugar muito especial na minha prática, então, por esse motivo, optei por caminhar com esse eixo. A seguir farei um

breve resumo da minha história com a educação infantil e como foi o percurso na Pós em Docência na Educação Infantil.

Ao obter a aprovação para cursar a Pós Graduação em Docência na Educação Infantil UFBA/SEB/MEC, que está na sua terceira edição, iniciou-se a realização de um grande sonho meu que era fazer uma pós-graduação nessa área. Há muito e muito tempo, lá pelo final da década de 80, ao frequentar o curso de Magistério, apaixonei-me pela Educação Infantil. Desde então, fiz a minha escolha por esta área e assim permaneci. Assim, cursei Pedagogia, mas sempre interessada em me especializar em Educação Infantil.

O início do curso de pós-graduação se deu com o Seminário de Pesquisa em Educação Infantil, o qual teve o intuito de apresentar às cursistas como se desenvolveria o curso, como se fosse um prefácio de um livro. O curso acontece aos sábados, em período integral, e tem uma proposta muito boa que ocorre através de seus componentes curriculares.

O curso é composto por três Oficinas: Brinquedos e Brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil, Expressão e Arte na infância e Linguagem, Oralidade e Cultura Escrita e os seguintes Componentes: Infâncias e crianças na cultura contemporânea e nas políticas de Educação Infantil, diretrizes nacionais e contextos municipais, Metodologia de Pesquisa e Educação Infantil, Currículo, proposta pedagógica, planejamento, organização e gestão do espaço, do tempo e das rotinas em creches e pré-escolas, Seminários de Pesquisa, Análise Crítica da Prática Pedagógica (esse Componente nos ajuda a refletir sobre a nossa prática, através dos demais Componentes estudados), Oficina de Alvorço de Histórias e Natureza e cultura: conhecimentos e saberes. No Componente Metodologia da Pesquisa e Educação Infantil, realizei um projeto de escrita do texto monográfico que ora se desenvolve.

A abertura do Seminário ocorreu com o clip de Elis Regina com a música “Brincadeira de Roda”. Essa música fala por si só, fala do trabalho, das mãos, da vida e das memórias. Muito pertinente com a proposta do Curso, conduzido de uma maneira muito lúdica, característica essencial da Educação Infantil. Além do mais, todo o trabalho na Educação Infantil é feito através de brincadeiras, rodas interativas, cirandas e utilizam-se muito as mãos. As mãos são utilizadas para riscar, pintar, colar, desenhar, recortar, escrever e deixar marcas na areia, no papel, no mural da escola etc.

Em seguida, o professor Claudemir falou sobre o relato e o escutar. Ele citou o escritor Manuel de Barros com a frase: “O esplendor da manhã não se abre com faca”. O que significa dizer que os professores precisam de um olhar sensível às necessidades e à realidade das crianças e para não querer impor-lhes, de qualquer modo, a sua vontade. Ele citou ainda o capítulo do seu livro “A corporalidade e a repercussão de suas vozes”.

Na abertura no segundo dia, com a encenação “Teto cheio de furos e dois poemas”, pude retornar à criança que fui. A interpretação de Sarapopéia nos fez colocar a criança que existe dentro de cada um de nós para fora. Em seguida, na roda quatro, ficamos maravilhadas com a temática “as mãos que tecem a educação infantil”, principalmente ao perceber que em nossas mãos está a nossa história de vida, ou ainda, nas mãos de cada pessoa está uma síntese da sua própria história.

A professora e terapeuta Joseda Amorim, que ministrou essa oficina, colocou duas questões importantes: “O que, em verdade para você, lhe colocou em uma sala de aula? E o que faz você permanecer nessa sala de aula?”

Aprendi na roda “Diálogos”, que deverei escrever com um olhar crítico a educação infantil no meu trabalho de conclusão de curso. Além disso, pude “viajar” ao mundo mágico do ler e contar através da oficina “Era uma vez”. Aprendi que o leitor ao ler para alguém deve ser fiel ao texto, assim o livro é indispensável. Já o contar, é bem mais criativo e emocionante, dispensa-se o livro e o contador pode utilizar-se de objetos e criar suas próprias histórias. Dessa forma, em um primeiro momento, utilizei o livro em tela para ler para as crianças, pois queria ser fiel à fala da escritora, mas, em um segundo momento, fui contando a história, utilizando apenas as imagens do livro. Depois permiti que as crianças recontassem também.

Na roda 10, “Ler a mais civilizada das paixões” percebi a importância da leitura e aprendi, de que forma se comporta um leitor. Nessa roda, pudemos anotar várias indicações bibliográficas que nos serão úteis para todo o Curso. Em seguida, tivemos a presença do professor Menandro que nos falou da Tecnologia na sala de aula, apresentando o seu show da virada.

A oficina “Festa das Palavras” nos presenteou com muita interação, criatividade, movimento, aprendizagem e ludicidade. O objetivo foi homenagear a “dona palavra”. Para tanto, trabalhamos com diversos gêneros textuais: lista, convite, receita, dentre outros.

Na palestra com a professora Lícia Beltrão, percebi que a leitura é somar, que leitura pode ser realidade em múltiplos e diversificados textos. Isto significa que a imagem, a expressão facial /corporal e o olhar também são textos, pois através deles podemos fazer várias leituras. A analogia feita com a “fábula da onça doente” foi muito interessante, que é a leitura como “estratégia de sobrevivência” e essa leitura foi feita através das marcas das patas pelo chão, observei que quem foi visitar a onça, não voltou. As marcas das patas eram só de ida.

Foi muito produtiva a disciplina “Brinquedos e brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil, ministrada pela professora Leila Soares. Tive a oportunidade de relembrar como foi “o brincar na nossa infância” e ainda refletir como é o brincar dos nossos alunos, eles brincam de quê? E qual é o brinquedo que o grupo mais gosta?

Na prática pedagógica, a criança deve experienciar primeiro o objeto para depois poder trabalhar com ele. Daí a importância do professor de educação infantil apresentar o objeto que será trabalhado às crianças, deixá-las manuseá-lo, para só depois trabalhá-lo.

A importância do brincar se dá pelo fato de que quanto mais as crianças brincam, mais criativas elas ficam. Além do mais, é através do brincar que elas resolvem questões psicológicas ao reproduzirem a sua realidade através das brincadeiras de imitação. No entanto é necessário que elas aprendam a brincar.

Pode-se afirmar que as brincadeiras de bebês entre a mãe e a criança são, sem sombra de dúvida, a essência dessa aprendizagem. No início da brincadeira, a criança faz o papel de um “brinquedo” em relação à mãe. Depois ela se torna uma parceira para a mãe, agindo mais ativamente nas brincadeiras.

No último dia da Oficina, grupos de seis pessoas cada, que já tinham sido previamente formados, apresentaram um brinquedo e uma brincadeira para as demais. Foi muito interessante, pois pude aprender novas brincadeiras para aplicar e novos brinquedos para construir com nossos alunos.

Com a oficina sobre Expressão e Arte na Educação Infantil, pude experimentar diversas técnicas de arte que pude aplicar com os nossos alunos. Já a oficina de Linguagem foi de fundamental importância para o meu aprendizado, pois irá refletir na minha prática cotidiana com as crianças, assim essa oficina muito contribuiu para a produção deste trabalho de conclusão de curso, uma vez que ela me ajudou a refletir sobre as diferentes formas de se trabalhar as diversas linguagens com as crianças. Foi de fundamental importância o debate sobre a ideia

de infância e de criança no componente curricular “Infâncias e Crianças na Cultura Contemporânea e nas Políticas de Educação Infantil: Diretrizes Nacionais e Contextos Municipais”.

Aprendi, nesse componente, que a criança é um ser fascinante, é um ator social, é passível de homenagens em versos e prosas a exemplo da música “Quase sem querer” de Russo (1986) onde ele canta: “Mas... não sou mais tão criança..., a ponto de saber tudo”.

Vimos, também, que o conceito de criança assumido pelo Brasil, pode ser encontrado no artigo 4º da Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e isso foi um grande avanço na compreensão das necessidades das crianças, uma vez que se passou a dar voz a elas. Essa mesma resolução adverte que as propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Esse conceito deve ser muito bem compreendido pelos professores da educação infantil, de tal forma que os levem a refletir: “Será que na minha prática, a criança é um sujeito de direitos?” A resposta só será positiva se, quando da prática, a criança tiver liberdade para escolher, por exemplo, a cor da massinha que vai querer brincar, os brinquedos ou os seus espaços físicos para brincar. Primeiro isto precisa acontecer para posteriormente, então, o professor propor modelos éticos para as crianças. Esses modelos assumirão um sentido sócio-político. Nesse sentido, a educação infantil tem um papel fundamental nessa transformação, desde que seja um divisor na superação da desigualdade social e que tenha por função fazer com que as injustiças sociais sejam diminuídas.

Aprendi que os movimentos sociais são ações coletivas fundamentais para a reivindicação de melhores condições de trabalho e de vida. A partir deles é que pode ocorrer transformação das condições econômicas, sociais e políticas da sociedade em que vivemos.

Assim, para conseguirmos uma mudança efetiva nesse quadro da Educação Infantil, precisamos não apenas do Movimento Social, mas também de investirmos no desejo das crianças desde a tenra idade pelo conhecimento, mormente pelo

mundo encantado da leitura. Isso se dá na Educação Infantil através da leitura feita pelo professor, do estímulo à criança para manusear livros e na contação de história.

Sendo assim, optei por esta pesquisa porque contar histórias para as crianças, na roda de conversa sempre foi uma prática na minha docência. Além do mais, somos seres que contam e ouvem histórias. Vejo, na prática docente, o quanto isso é verdadeiro, uma vez que, ao contar uma história, o narrador se entrega ao ato para o deleite das crianças. E observamos que, mesmo com toda a tecnologia dos dias atuais, cinema, televisão e internet, a arte de contar histórias continua viva e é muito bom que assim permaneça, pois tecnologia alguma vai substituir o prazer de uma criança ouvir uma história contada “ao vivo” por um adulto, além de manusear livros.

É nessa perspectiva que este trabalho pretende discutir as travessias das crianças no percurso da sua construção identitária, a partir da questão proposta pelo livro “O cabelo de Lelê”: “Lelê gosta do que vê, e você?” O livro em tela foi escrito por Valéria Belém, e ilustrado por Adriana Mendonça. O ponto de partida da pesquisa foi a contação da história “O cabelo de Lelê” para as crianças do grupo três, doravante sujeitos da pesquisa.

Ocorre que, sempre contei histórias para as crianças na minha sala de aula, porém nunca me preocupei com o que elas pensavam sobre essa prática. Além disso, atualmente, já é bem conhecida a importância da contação de histórias para a aprendizagem das crianças, pois é através da contação ou da leitura de histórias que as crianças desenvolverão a escuta, a oralidade e o vocabulário.

Assim, ao longo de minha trajetória enquanto professora, pude perceber que ouvir histórias contribui muito para o processo de letramento, porque ao escutar uma história, a criança atribui sentido ao código linguístico e tem contato com a escrita, começa a reconhecer letras e a relacioná-las com o mundo letrado em que vive. Ela passa a identificar letras no letreiro do ônibus, nos nomes de lojas, em anúncios, dentre outros. Além do processo de letramento, já está comprovado que ouvir histórias é fundamental para o desenvolvimento da oralidade e para a aprendizagem da escuta.

Percebo isso na minha sala, pois quando conto história para os alunos, eles ficam atentos e demonstram que estão envolvidos naquela determinada emoção. Se faço a voz do lobo na história da Chapeuzinho Vermelho, quando ele diz: “É pra te comer...”, as crianças gritam, se movimentam e aquele momento torna-se

tumultuado, mas só por um pequeno momento. Logo em seguida, voltam a ficar tranquilas.

Eles ficam concentrados e fascinados ao perceber vozes diferentes das personagens, prestam atenção para, posteriormente, reproduzirem da forma que ouviram. Ao final da contação, os alunos querem pegar e folhear o livro, então, deixo que o façam.

Desta forma, optei na minha pesquisa por tratar de apenas uma história e aprofundar a abordagem. Escolhi a história “O cabelo de Lelê” porque os sujeitos da minha pesquisa são, em sua maioria, de descendência afro e por isso é importante tratar dessa questão identitária com eles. Apesar da lei 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade da História e Cultura Afro-Brasileira, não contemplar a Educação Infantil, penso que essa obrigatoriedade também deveria ser para esse segmento, obviamente com os devidos ajustes.

Apesar da supracitada lei não contemplar a Educação Infantil, temos na Literatura Infantil, além do “Cabelo de Lelê” uma vasta quantidade de livros que contemplam o tema, como exemplo: “As tranças de Binton,” “Tanto, tanto”, “Menina Bonita do Laço de Fita”, “A Bonequinha Preta”, “O Menino Marrom”, dentre outros. Sendo assim, os autores literários baseados na realidade e na lei tiveram o olhar sensível para a questão da cultura afro-brasileira e começaram a escrever sobre o tema para as crianças da Educação Infantil.

A partir da minha prática sobre a contação de histórias, tenho uma grande inquietação a respeito do que as crianças pensam sobre as histórias que ouvem. Como não é fácil saber o que outra pessoa pensa, pois se pode pensar de um jeito e expressar-se de outra forma totalmente diferente daquele pensamento primeiro, elaborei a seguinte indagação para a minha pesquisa: Que representações as crianças do grupo três fazem de si e de suas representações identitárias a partir da história “O cabelo de Lelê?”

Tendo foco na questão acima mencionada, de uma maneira geral, pretendo analisar a relação das representações simbólicas e a identidade das crianças sobre a história “O cabelo de Lelê”

De uma forma mais específica, pretendo descrever a relação entre a contação de história e a relação que a criança faz consigo mesma; explicitar a situação identitária das crianças de descendência afro a partir da história “O cabelo de Lelê” e

descrever a relação que fazem entre a história e as suas ideias construídas sobre etnias.

Para tanto, tomarei de empréstimo alguns renomados teóricos que acredito ser de fundamental importância para este trabalho, como a respeito de Lev Vygotsky, Gyslaine Matos, Celso Sisto, Sônia Kramer e Stuart Hall.

Isso significa que à medida que vai crescendo, a criança vai se apropriando da linguagem e do mundo letrado que a rodeia e, quanto maior o contato dela com esse mundo, mais facilitará o seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Entendendo-se a linguagem como meio de relação do ser com o mundo, as crianças compreendem o mundo em contato com a linguagem.

É indispensável à narrativa da criança, posto que seja ela o sujeito da minha pesquisa. Sendo a voz da criança tão teórica quanto qualquer outro teórico, suas narrativas compõem essa pesquisa de cunho etnográfico. A etnopesquisa de base qualitativa só pode ocorrer na cultura em que o sujeito está inserido, dessa forma, entrei em contato direto com o problema a ser pesquisado, assim como com os sujeitos da pesquisa. Utilizei também um diário de campo onde registrei as falas das crianças e o que mais me chamou atenção.

Assim, fiz um trabalho intervencionista da minha própria prática, o que é a proposta do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil UFBA/SEB/MEC.

Para realizar a pesquisa, questionei às crianças sobre o que “acharam” da história, se gostaram ou não, se conhecem alguém como Lelê, pedi para que elas desenhassem sobre a história o cabelo de Lelê. Dei a oportunidade de recontarem a história, utilizando o livro, e fiz registros através de vídeo.

Observei ainda a identificação das crianças, mormente as de descendência afro em relação à história “O cabelo de Lelê”. Será que se identificam? Como? Por quê? São questões que buscarei resposta a partir da pesquisa de campo.

A pesquisa foi desenvolvida na minha sala de aula do grupo três, vespertino, de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) em Salvador, situado no bairro Nordeste de Amaralina.

Para uma melhor apresentação dos argumentos trazidos para o desenvolvimento desta pesquisa, dividimo-la em seções. Na próxima seção “Lelê ama o que vê e você? As representações simbólicas das crianças e a identidade das crianças” é feito um resumo do livro, explicando o que é relação simbólica e

apresentando conceitos sobre identidade. Na subseção que trata da Educação Infantil, fiz um breve histórico dessa. Na seguinte subseção, falarei sobre a identidade étnica na educação infantil, conceituando e tipificando a identidade e, para preservar as identidades das crianças, doravante sujeitos da pesquisa, foram utilizados personagens da revista Luluzinha que foram criados por Marjorie Henderson Buell. Utilizarei também outros nomes fictícios que são “pares” de Lelê: Lalá, Lelé, Lili, Lolô, Lulu, Lalu, Leli e Luli. Seguidamente, tratarei das representações simbólicas das crianças e sua relação com a literatura, demonstrando o quanto esta é importante para o desenvolvimento infantil.

Na próxima seção, “E foi assim que tudo aconteceu: percursos e percalços” descreverei todos os passos de como aconteceu a pesquisa. Em seguida, tratarei dos cenários e sujeitos da pesquisa. Na próxima subseção: “As representações simbólicas das crianças e sua relação com o cabelo de Lelê”, transcreverei as falas das crianças fazendo uma conexão com os pensamentos de Hall, Vygotsky e Macedo, além de me inspirarem trechos da música “Sampa de Caetano Veloso para ilustrar as falas das crianças.

Para fechar o livro de Lelê, as crianças vão construindo suas identidades para sempre... e é esse caminho que tomarei para retomar a pergunta e falarei como perseguir para encontrar.

Já sei que Lelê ama o que vê, vou partir agora para o “e você”? Para tanto, iniciarei discorrendo sobre as relações simbólicas e as identidades das crianças.

## **2. LELÊ AMA O QUE VÊ: E VOCÊ? AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS E A IDENTIDADE DAS CRIANÇAS.**

Diante de várias possibilidades, escolhi o livro *O cabelo de Lelê* para desenvolver minha pesquisa porque acredito que as crianças da minha sala de aula precisam se reconhecer em um livro, posto que são, em sua maioria afro-descendentes. Creio também que se faz necessário trabalhar diferentes literaturas, a exemplo dos contos africanos e indígenas e não apenas os contos clássicos. Os contos clássicos são interessantes na medida em que ajudam as crianças a lidar com os seus medos e angústias, porém a princesa de olho azul e cabelo louro e liso que muito aparece nesses contos, não representa a identidade étnica dos meus alunos.

Além do mais, acredito que a cultura afro brasileira precisa ser mais valorizada. O povo brasileiro originalmente foi formado primordialmente por três povos distintos: o índio, o negro e o branco. No entanto, via de regra, a cultura branca européia é a que predomina na nossa sociedade. Penso que precisamos respeitar as diferentes representações étnicas, e esta é a minha inspiração na escolha desse livro.

O livro “O cabelo de Lelê” conta a história de Lelê, uma menina que tem os cabelos crespos, cheio de cachinhos e que não gosta dele “Lelê não gosta do que vê” (BELÉM, 2012, p. 05). Ela joga-o pra um lado, joga-o para o outro, pra tentar ajeitá-lo e não consegue. Ela quer saber de onde vêm tantos cachinhos e encontrou esta resposta em um livro chamado “Países Africanos”. O livro fala da África, contando uma história de “sonhos e medos, de guerras e vidas e mortes no enredo, também de amor no enrolado cabelo.” Em seguida, o livro apresenta diversos penteados e Lelê passa a gostar do que vê, pois [...] “descobre a beleza de ser como é. Herança trocada no ventre da raça, do pai, do avô, de além-mar” (BELÉM, 2012, p. 23). O negro cabelo de Lelê encanta o menino que aparece no livro dançando com ela. O que leva o leitor a imaginar um cheiro de romance no ar. Ao final do livro, a autora reforça que em cada cachinho do cabelo de Lelê existe um pedaço da sua história. E, por fim, na última página, tem-se a ilustração de Lelê com mais duas meninas, cada uma com o cabelo muito diferente do dela – um liso e

ruivo e o outro cacheado e louro e a escrita da frase “Lelê ama o que vê! E você?” Na sequência trataremos das representações simbólicas.

## 2.1 REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS

Tomando de empréstimo o pensamento de Gardner (1994), nos primeiros anos de vida, as crianças utilizam-se de sequências simbólicas ou faz de conta ou brincadeira de faz de conta, nas quais brincam sozinhas, com bonecos de seu tamanho, com companheiros ou com seus pais. Nesse sentido, na sociedade ocidental contemporânea, o jogo simbólico das crianças pequenas acontece a partir do momento em que [...] “as crianças vestem-se como as mães ou pegam seus bichinhos de pelúcia favoritos para um passeio de carro ou uma ida ao supermercado de brinquedo.” (GARDNER, 1994,p.64)

Estas representações simbólicas estão presentes no nosso cotidiano escolar no momento da brincadeira livre. As crianças imitam a todo o instante o adulto, como exemplo: pegam o telefone de brinquedo, chamam de celular e começam a ligar: “Você está onde?”... Pergunta clássica que os adultos costumam fazer ao celular. Sabemos da importância dessas representações infantis, uma vez que as crianças precisam reproduzir e entender através das brincadeiras, o seu mundo, suas vivências, medos e angústias para poder entendê-los e aceitá-los. Leslie (1987) apud Gardner (1994) presume que as crianças já possuem uma “linguagem do pensamento – algum tipo de “ideia mental”, na qual elas representam para si mesmas fatos sobre o mundo (aquilo é uma cadeira, este cachorro está perto, eu quero aquela comida, eu me sinto piolhento). É claro que as crianças não usam tais simbolizações explicitamente (de outro modo, elas seriam simbolizadoras em nosso sentido), mas a sua cognição do mundo pressupõe algum tipo de meio pelo qual representar o input de seus sentidos tanto quanto algum tipo de linguagem interna que atua sobre tais representações.

É nesse sentido que vou tratar das representações simbólicas e das identidades das crianças. Como já foi falado, a criança muito se expressa através das relações simbólicas e, elas necessitam disso por vários motivos: para entender o mundo à sua volta, para desenvolver a sua oralidade e escuta, para sentir-se pertencente ao mundo letrado no qual está inserida e outras tantas situações.

Além do mais, Gardner (1994) nos ensina que nos primeiros anos de vida, as crianças não apenas pensam sobre o mundo da experiência, mas passam a imaginar. Elas já são capazes de enxergar um estado de coisas contrário àquele que é apreendido pelos seus sentidos, a assimilar atividades imaginárias em formas simbólicas públicas e a continuar a elaborar capacidades imaginárias. Isso significa que a criança não só pensa, mas passa a imaginar também.

Lembrei-me agora um exemplo da imaginação infantil: a primeira vez que mostrei o livro “O cabelo de Lelê, sem ainda nem ter aberto, uma criança falou: “tem um monstro aí”. Isso ela falou apenas baseada na capa.

Almeida (2014) nos ensina que as atitudes responsivas das crianças, na relação dialógica com a professora ou com outros responsivos, sugerem os sentidos que elas contribuem às práticas realizadas na escola, porque são acompanhadas de condutas simbólicas e funções de linguagem que mostram como a criança explora a realidade apresentada a ela e como busca criar novas realidades.

Entender a representação simbólica da criança muito contribui para o planejamento de ações de sua formação, pois é através dela que a criança vai construindo a sua identidade. E é neste percurso que se faz tão importante o pensamento de Vygotsky quando ele afirma que “A imaginação em ação ou brincar é a primeira possibilidade de ação da criança numa esfera cognitiva que lhe permite ultrapassar a dimensão perceptiva motora do comportamento” (apud DIAS, 2011, p. 86). Ou seja, é necessário para a criança o brincar, o faz de conta e a sua relação com seus familiares e pares.

## 2.2 A QUESTÃO DA IDENTIDADE.

O livro provoca uma discussão sobre questão identitária e por isso fui buscar um conceito de identidade nos dicionários. Segundo o dicionário Aurélio (AURÉLIO, 2010, p.1118).

1. Identidade é a qualidade de idêntico.
2. Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa; nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais etc.
3. O aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível ou conhecido.

Já o dicionário Michaelis (MICHAELIS,2010,p.454) diz que a

Identidade é o conjunto dos caracteres próprios de uma pessoa, tais como nome, profissão, sexo, impressões digitais, defeitos físicos, etc., o qual é considerado exclusivo dela, e conseqüentemente, levado em conta quando ela precisa ser reconhecida. Identidade pessoal: consciência que uma pessoa tem de si mesma

Fiz uma remissão a estes dois dicionários porque “O dicionário é o local da instituição do dizer: ali se encontram as palavras etimologicamente catalogadas, classificadas, como verdades analíticas” (OLIVEIRA,2013, p.68).Esses dois dicionários nos trazem conceitos muito parecidos de identidade, contudo Michaelis trata o conceito de uma forma mais específica, mormente quando fala da identidade pessoal.

Além da identidade pessoal trazida por Michaelis, temos várias outras formas de identidade, quais sejam: cultural, nacional, profissional, social, visual e virtual. Esse rol é apenas exemplificativo e não taxativo. Algumas vezes, a identidade virtual é falsa. São os chamados *fakes*.As pessoas utilizam-se da sua identidade (no sentido da sua cultura, do seu querer) para criar alguém que na realidade não existe, é apenas fruto da sua imaginação e da sua fantasia.

Já a identidade social envolve o componente da idade, gênero, classe social, nacionalidade, dentre outros. Vale ressaltar que a identidade social possui um elemento de inclusão e exclusão, uma vez que componentes do mesmo grupo têm a mesma identidade social e ao mesmo tempo são diferentes socialmente de pessoas de outros grupos. Cada grupo tem a sua própria identidade, por exemplo: a identidade dos cristãos é a eucaristia. Bernstein(2014 apud RIOS, 1999, p.182)escreve que: “Nas práticas educacionais, a identidade docente se associa amplamente às identidades pedagógicas e locais, conforme a discussão do sociólogo da linguagem e da educação”.

A identidade pessoal, por sua vez, é formada pelos diversos contextos em que estamos inseridos e sofre, naturalmente, influência da etnia, da família, da profissão, da religião, enfim, de todo contexto social em que a pessoa está inserida.

Sobre identidades, Hall (2006) afirma que são contraditórias. Elas se cruzam ou se deslocam mutuamente. Observei na minha pesquisa a relação dos alunos com sua própria identidade, através do livro “O cabelo de Lelê”. Hall verbera, ainda, que: “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL,2006, p.21).

Para Hall (2006), o sujeito pós moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. “A identidade torna-se uma celebração móvel; formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987,p.13).

Hall (2006) continua afirmando que a identidade é definida historicamente e não biologicamente. Dessa forma, [...]“o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (HALL, 2006, p.13)

Assim, Hall afirma que dentro de nós existem identidades contraditórias e elas ficam nos empurrando em diferentes direções, o que faz com que nossas identificações sejam constantemente deslocadas. Ele segue afirmando: “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL,2006, p.13)

Dessa forma, Hall (2006) afirma que à medida que os sistemas de representação e significação cultural se multiplicam, nós somos confrontados por várias desconcertantes e cambiantes identidades possíveis, sendo possível nos identificarmos com cada uma delas, nem que seja apenas temporariamente. Assim, ele continua afirmando que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. (HALL, 2006, p.13).

Por fim, Hall (2006) afirma que a identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes. Ela persiste sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

Na sequência, tratarei da criança e da educação infantil, através de um breve histórico; abordarei as leis e os documentos que a regulam nos dias atuais, e por fim falarei de como esta é vista pela sociedade.

### 2.3 UMA BREVE HISTÓRIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Durante muitos séculos, a obrigação de cuidar e educar as crianças pequenas era apenas das mulheres que poderiam ser as próprias mães ou não. Desse modo, essa educação tinha um viés familiar. Após o desmame, a criança era vista como um

pequeno adulto e a partir do momento que ela conseguia atender às suas próprias necessidades fisiológicas, ela passava a ajudar os adultos em suas tarefas diárias.

A criança era vista como um ser incompleto, que não tinha voz, nem vez. Com base nos estudos de Sarmiento (2008), posso afirmar que durante séculos, as crianças eram consideradas “homúnculos”, que são seres humanos minituarizados caracterizados pela sua incompletude e imperfeição.

Charlot (2013, p.158) considera que: “A infância precede a idade adulta: esta é uma definição mínima, que ainda não envolve nenhuma concepção particular de infância, mas que coloca o tempo como dimensão específica sua.” Dessa forma, posso dizer que o “ter infância” é uma construção social, é uma etapa, fase ou período; diferente do ser criança que está necessariamente ligado ao sujeito, que é o ser humano. Nesse sentido, a criança pode não ter infância; isto ocorre quando elas são “adulteradas”, muitas vezes obrigadas a trabalhar para ajudar no sustento da família, ou simplesmente terem tantas atividades extraclases (balé, judô, curso de inglês, natação...) que não têm tempo para brincar e, assim, viver a sua infância.

Em relação à criança, Charlot (2013, p.160) verbera que a criança é inocente e má. Ela exprime desejos e opiniões, sem os desvios da conveniência. A criança tem uma natureza dual, pois é boa e má. Ela é frágil, maleável, submissa, teimosa, respondona, opositora, terna e desordenada. No entanto, ela é digna de ser amada e respeitada; e por mais que o adulto tente decifrar esse ser tão fascinante e enigmático, a criança sempre vai lhe surpreender, uma vez que cada uma delas tem a sua própria individualidade.

Na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto, como se fosse um adulto. Ainda na Idade Média, baseada na influência da Igreja Católica que pregava a ordem e tudo deveria ser previsível, a educação infantil seguia nessa mesma direção. Para Barbosa (2006),

Seria possível afirmar que o mundo das religiões cristãs fundamentou as rotinas utilizadas nas creches e nas pré-escolas por dois processos: em primeiro lugar, pela secularização das rotinas pessoais e institucionais que haviam sido construídas nos mosteiros e foram transferidas para as instituições modernas em geral, inclusive as educacionais, e, em segundo, pelo fato de que a mão de obra disponível para trabalhar nos asilos, nos orfanatos, nas escolas e nas creches, desde sua criação até nossos dias, é em grande parte formada por irmãos de caridade, pastores e voluntários

religiosos que trazem sua experiência pessoal e institucional da prática religiosa para a prática pedagógica. (BARBOSA, 2006, p.51)

Dessa forma, perpetuou-se uma ideia de pobreza, caridade e favor em torno do que seja uma instituição que cuida da educação infantil, obtendo uma concepção negativa acerca destas instituições. Infelizmente, ainda hoje, existem creches ligadas à igreja que unicamente têm esse caráter assistencialista, sem ter a preocupação em propiciar uma educação infantil de qualidade para as crianças. E, por outro lado, mas convergindo para o mesmo pensamento, muitos pais entendem as instituições de educação infantil como “depósitos de crianças”, além de acreditarem que as crianças frequentam esses espaços apenas para brincar. Como se brincar fosse uma ação desprezível, desconhecendo a grande importância do brincar para a criança e o seu entendimento de si e do mundo.

De acordo com Oliveira, (2011), o filósofo genebrino Jean Jacques Rousseau foi contra ao ideário da Reforma e da Contra-reforma religiosa. Dessa forma, ele criou uma proposta educacional que combatia preconceitos, autoritarismo e todas as instituições sociais que violentassem a liberdade característica da natureza. Rousseau foi um revolucionário da educação do seu tempo ao pregar que a infância não era apenas uma passagem para a vida adulta ou um período de preparação para a vida adulta, mas tinha valor em si mesma.

Ainda bebendo da fonte de Oliveira, (2011), o pensamento de Rousseau abriu caminho para as concepções educacionais do suíço Pestalozzi (1746-1827), que também foi contra o intelectualismo excessivo da educação tradicional. Ele acreditava que a força vital da educação estaria no amor e na bondade, assim como na família, e sustentava que a educação deveria cuidar do desenvolvimento afetivo da criança desde o nascimento. Segundo Pestalozzi, a educação deveria ocorrer em um ambiente bem natural, tendo uma disciplina amorosa e considerando o que a criança já traz consigo, corroborando para o desenvolvimento do caráter infantil. Ele destacou ainda a relevância educativa do trabalho manual, a importância de a criança desenvolver destreza prática. A sua vertente pedagógica enfocava a necessidade de a escola treinar a vontade e desenvolver as atitudes morais dos alunos.

O legado de Pestalozzi foi levado adiante por Froebel (1782-1852), educador alemão. Ele tinha uma filosofia espiritualista e um ideal político de liberdade. Em 1837, ele criou um *kindergarten* (jardim de infância) onde crianças e adolescentes

estariam livres para aprender sobre si mesmos e sobre o mundo. Dialogando ainda com Oliveira, (2011), os jardins de infância diferenciavam-se das casas assistenciais existentes na época, por abrangerem um contexto pedagógico, como da escola, que demonstrava ter uma constante preocupação com a moldagem das crianças, praticada por um aspecto exterior.

Ele utilizava-se de recursos pedagógicos denominados de prendas ou dons e as ocupações. As prendas não mudavam de forma, eram cubos, cilindros e bastões, usados em brincadeiras que possibilitariam, à criança, fazer diversas construções e desenvolver um sentido de realidade, além do respeito à natureza. As ocupações, por sua vez, eram materiais que eram transformados com a sua utilização, a exemplo da argila, areia e papel, isso servia para a criança enxergar-se, descobrindo, observando e modificando o seu mundo interno.

Vamos agora para o século XX, pegando carona na proposta de Maria Montessori (médica psiquiátrica- 1879-1952) que enfatizava o material estruturador da atividade própria da criança, ou seja, o brinquedo. Nesse sentido, ela tirava a atenção do comportamento do brincar. Montessori preocupava-se em elaborar materiais adequados à exploração sensorial pela criança e todos com o intuito de atingir um objetivo educacional. Montessori criou objetos para a educação motora que nós utilizamos ainda hoje: letras móveis, letras em lixas, contadores, para o aprendizado de operações com números. Ela acreditava que tudo na sala tinha que estar ao alcance e na altura das crianças, como por exemplo: mesa, cadeira e estante. Montessori deixou um forte legado e ainda hoje temos escolas que seguem o Método Montessoriano.

Nos dias atuais, as DCNEIS(2010) consideram a criança como um ser social, sujeito de sua história e produtora de cultura. Isso significa que ela precisa ser ouvida e respeitada na sua vontade. As DCNEIS definem a criança como

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12)

Baseada na fala de Sarmiento (2008), posso afirmar que as crianças são e devem ser vistas como atores na construção e determinação das suas próprias vidas sociais, das vidas dos que as rodeiam e das sociedades em que vivem, dessa forma as crianças não são os sujeitos passivos de estruturas sociais. É nessa

perspectiva que nós, professores da educação infantil, lutamos diariamente em defesa dessa ideia e, por fruto de muita luta, a educação infantil passou a ser prevista em lei.

Atualmente, a Educação Infantil está pautada em algumas leis como a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a Convenção sobre os Direitos da Criança, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1989, a Loas anotada, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB - lei 12.796 de 04-04-2013) o Plano Nacional de Educação (PNE) e a resolução nº5 de 17 de dezembro de 2009, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEIs).

Após vigorar as DCNEIS, a educação infantil deu um salto qualitativo em seu propósito. Ela passou a ser respeitada, a fazer parte do processo educacional das crianças, o que antes era conhecida como pré- escola, ou seja, não era valorizada, era o que vinha antes da escola.

É na Educação Infantil que a criança tem a base necessária para o seu desenvolvimento escolar e pessoal futuro. O conjunto de eixos que a abrange propicia isso. Daí a sua importância. É na educação infantil que as crianças aprendem a pensar. As atividades de coordenação motora, a exemplo de andar sobre a letra M, propiciarão à criança a prontidão necessária na hora em que ela for pegar o lápis para escrever.

Para Brandão e Leal (2010), podemos estimular as nossas crianças desde a educação infantil a perceber que há muitas maneiras de captar e expressar sentimentos, conhecimentos e ações, como por exemplo, a leitura e a escrita de textos, sendo assim, é preciso ter em mente que nós, adultos, somos exemplos para as nossas crianças. Se nós, professores, somos leitores e despertamos o gosto pela leitura, a criança terá chances de se tornar um adulto leitor. Se nós temos o hábito de escrever, nossas crianças também terão maiores probabilidades de serem escritores.

No entanto, vamos narrar agora uma triste realidade no estado da Bahia. Há alguns anos, a Professora Marlene Oliveira dos Santos (2010) realizou uma pesquisa na qual concluiu que: <sup>1</sup> apenas 10,2 % das crianças de zero a três anos estão matriculadas na creche, 42,7 % das crianças de quatro e cinco anos na pré-

---

<sup>1</sup> Estes dados foram apresentados em aula no dia 11-04-2015 através de slides elaborados pela autora Marlene Santos. Os slides foram baseados em seu livro "Educação Infantil: os desafios estão postos? E o que estamos fazendo?"

escola. Ainda sobre essa mesma pesquisa, em relação ao nível de instrução, do total de docentes que atuam na educação infantil, 0,2‰ possuem Ensino Fundamental Incompleto, 0,5‰ Ensino Fundamental Completo, 28,3‰ Ensino Médio Normal Magistério, 20,4‰ Ensino Médio e 50,6‰ Ensino Superior Completo.

Dessa forma, temos revelado um descaso com as crianças que frequentam as instituições de educação infantil, uma vez que não existe a preocupação, por parte das Políticas Públicas, em promover a capacitação desses profissionais.

No que se refere às Instituições Municipais com Educação Infantil no Estado da Bahia em relação à existência de proposta pedagógica, podemos dizer que 45‰ das instituições municipais com Educação Infantil não apresentam proposta pedagógica, 37,8‰ tem proposta pedagógica escrita e 17,3‰ estão com proposta pedagógica não escrita (dados da Pesquisa de Avaliação Diagnóstica “Caracterização da Educação Infantil no Estado da Bahia” – Projeto MEC/UFBA/FACED-2013)<sup>2</sup>

Mais uma vez, fica claramente evidenciada a falta de interesse por parte do poder público em investir na educação infantil, posto que a proposta pedagógica é a base de todas as ações educacionais.

Quanto à Rede Municipal de Salvador, apenas 3,6‰ das crianças de zero a três anos de idade, que residem em Salvador, são atendidas por esta Rede, já em relação às crianças de quatro e cinco anos de idade, residentes nesta mesma comarca, o percentual das que são atendidas, na Rede Municipal de Salvador, aumenta para 19,5‰, segundo a referida pesquisa (vide nota de rodapé 2).

Ocorre que é constante, na rede municipal de Salvador, reclamações por parte dos profissionais da educação em relação à falta de condições dignas para o trabalho, a exemplo de ambientes insalubres, pequenos, com muito calor, os quais os professores apelidaram de “saunas de aula”. Essa situação abrange toda a rede e não apenas o segmento da educação infantil. Existem escolas no município de Salvador que são inadequadas em se tratando de espaços físicos para a prática da educação infantil, posto que não possuem uma área externa, têm salas de aula muito pequenas, nas quais, muitas vezes, as crianças ficam amontoadas, sem terem um espaço satisfatório para brincar, o que também é chamado de confinamento.

---

<sup>2</sup> Disponível em [HTTPS://blogproinfanciabahia.files.wordpress.com/2015](https://blogproinfanciabahia.files.wordpress.com/2015), acesso em 24 de maio de 2016, às 22h43min16s

Apesar dessa triste realidade, já caminhamos bastante..., a partir do momento em que a educação infantil passa a ser prevista em lei, porém ainda há um longo caminho a percorrer na direção da sua compreensão e valorização pela sociedade. Na próxima subseção, iniciarei falando da identidade pessoal, ilustrando-a com alguns exemplos. Em seguida, tratarei da construção da identidade étnica na educação infantil.

#### 2.4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Antes de abordarmos a questão da identidade étnica na educação infantil, vamos tratar da identidade pessoal. A identidade pessoal é construída desde a primeira infância. É comum vermos crianças pequenas de três e quatro anos falarem que têm um nome que não corresponde à realidade. Para ilustrar esse meu pensamento, trago a seguir exemplos de algumas falas de crianças, sujeitos desta pesquisa. Para preservar a identidade dessas crianças, como já dito, optei por nomeá-las ficticiamente através das personagens da revista em quadrinhos “Lusinha” (1935), criados por Marjorie Henderson Buell. Certa vez, aconteceu em um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil): a professora Dona Marocas perguntou o nome a uma determinada criança e ela respondeu: “Aninha”. Mais tarde, ao ver a professora, Dona Marocas chamando a criança de Aninha, a professora Fifi corrigiu: “O nome dela não é Aninha, e sim Glória”. Não convencida com essa informação, quando a mãe da criança veio buscá-la, a professora Dona Marocas dirigiu-se a ela e perguntou qual o nome da criança. A mãe respondeu: “Glória.” Então, a professora disse que a criança tinha dito que o nome dela era Aninha. A mãe sorriu e falou: “Ela é assim mesmo, ela diz que o nome dela é Aninha, diz que é Meméia”. No outro dia, uma funcionária do CMEI sabendo da história, cumprimentou a criança: “Bom dia, Meméia!”, ao que ela prontamente respondeu: “Não é Meméia, não. É Glória”.

Vou relatar outra situação, só que dessa vez aconteceu no ambiente familiar da criança: Luluzinha, de três anos, tem um colega na escola chamado Zico, que bate muito nos demais colegas, inclusive nela. Uma vez, ao retornar da escola, Luluzinha (sem motivo aparente) bate no rosto da mãe e fala: “Eu sou Zico” e bate outra vez. A mãe corrigiu-a: “Você não é Zico, Luluzinha! Você é Luluzinha”.

Alvinho na sua sala de aula diz: “Eu sou a Peppa”, em seguida, corrige: “Não, eu sou o George”. Quando Alvinho diz que é a Peppa e em seguida diz que é o

George, ele está, através dessas personagens, experimentando dois mundos diferentes: o feminino, representado pela Peppa e o masculino, representado pelo George. Ele está na brincadeira, fazendo a construção da sua identidade. É comum as crianças quererem ser os seus super-heróis favoritos, como exemplos: o Batman, o Homem Aranha, o Super Homem. Sobre isso, (Levinzon, 1989 apud Bomtempo) adverte que:

A brincadeira de super-herói, ao mesmo tempo em que ajuda a criança a construir a autoconfiança, leva-a a superar obstáculos da vida real, como vestir-se, comer um alimento sem deixar cair, fazer amigos, enfim corresponder às expectativas dos padrões adultos (LEVINZON, 1989, apud BOMTEMPO, 2011, p.73)

Após essa breve ilustração, sigo dialogando com Hall (2006) quando diz que a etnia é o termo que é utilizado para nos referirmos às características culturais - língua, religião, costume, tradições, sentimentos de “lugar” – que são partilhadas por um povo. Percebo em crianças pequenas, mas que justamente têm as mesmas características culturais, que quando gostam de algo que vêem (pode ser um objeto concreto ou apenas uma imagem em um vídeo) elas falam, por exemplo: “é a minha casa” e a outra rebate, “não, é a minha casa”. E a divergência permanece. Uma vez que eles se identificaram com a casa, todos querem ser os donos daquela casa. Seguindo com Hall (2006, p. 63),

A raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no interior do que chamamos de “raças” quanto entre uma “raça” e outra. A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, freqüentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro.

Nesse sentido, a identidade das crianças está pautada não apenas na raça, mas, especificamente, na cor da pele, biótipo e tipo do cabelo, mas, também, nas expressões culturais de suas comunidades e grupos. No percurso da pesquisa, ouvi Lili falar: “Pró, eu não gostei do cabelo de Lelê, não”. Lili é uma criança que tem a pele clara e os cabelos levemente cacheados, na verdade, a estrutura do cabelo

dela é liso, mas a mãe vive fazendo cachinhos. Percebi que Lili não se identificou com a personagem em tela.

Por outra via, Lalá se identificou todo o tempo com a história. Além de gostar muito, quando viu as páginas dos penteados, logo se manifestou: “Esta é a minha mãe”, “esta é a minha tia”, “esta é a minha avó”. Lulu também se identificou dizendo nomes de pessoas que conhecia com as mesmas características de Lelê. Lulu observou que eu estava registrando tudo e, então, chegou ao final da página e falou: “Escreva tudo, pró, até aqui”, apontando para a última linha da página.

Percebi como foi natural a identificação ou não das crianças em relação ao livro “O cabelo de Lelê” e essa naturalidade está ligada às suas próprias identidades, já sabendo que estas envolvem a etnia, o biótipo e as características físicas, o grupo cultural e a comunidade. Na subseção que se segue, farei uma conexão entre as representações simbólicas das crianças e a literatura e como isto influencia na identidade.

## 2.5 AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DAS CRIANÇAS E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA.

Como já foi dito na seção da representação simbólica, as crianças estão a todo o momento tentando entender o mundo que as rodeiam e isso acontece através das brincadeiras, nas quais elas têm a oportunidade de reproduzir o que estão vivenciando ou algo que já vivenciaram.

Nesse sentido, a Linguagem Oral e Escrita é de fundamental importância nas creches e nas turmas de educação infantil. Ela dá a base para a alfabetização. Como a criança está inserida em um mundo letrado, é importante que o (a) professor (a) leia para ela todos os dias. A criança precisa aprender a falar, a ouvir, a respeitar a vez de o outro falar e a brincar.

Em se tratando da linguagem da criança, considero Tonucci (2005) que aborda a Convenção sobre os direitos da criança em seus arts. 12 e 13:

Art. 12 A criança tem o direito de expressar sua opinião toda vez que são tomadas decisões que lhe dizem respeito, e sua opinião deve ser levada em conta na justa medida. Art 13: A criança tem o direito de dizer o que pensa, com os meios que ela prefere (TONUCCI, 2005, p.230)

Para Matos (2005), “Por volta dos dois anos e meio a três, a criança já é capaz de escutar uma história e imaginar os personagens e os objetos. Essa descoberta é o primeiro passo na aquisição da Linguagem” (MATOS, 2005, p.35). Isso é uma verdade, mas é relativa. Existem crianças menores, com dois anos ou até menos que já garantem essa habilidade de escutar histórias. Conheço uma criança de dois anos que foi assistir à peça de teatro “O soldadinho de chumbo e a bailarina”. Quando retornou para casa, falou para a avó que estava “apaixonada pelo soldadinho de chumbo, igual à bailarina”. Para Matos (2009), os contos levam o homem a refletir sobre a sua própria existência, além de dar asas à imaginação, possibilitando-o sair da difícil realidade, semeando a esperança que o amanhã pode ser diferente.

Tomando de empréstimo esse pensamento, vivencio na minha prática diária, através da escuta das crianças - elas constantemente me pedem para contar histórias e ler livros, o quanto elas que, na maioria das vezes, têm uma vida difícil, gostam de ouvir histórias e se deixam levar pela imaginação. Matos faz um trabalho excelente sobre os contos de tradição oral - eixo principal de seu trabalho.

Farias (2011) diz que a importância do ato de contar e ouvir histórias se dá porque, ao praticar esse ato, alimentamos a imaginação criativa e a oratória. Além do mais, somente nós, os humanos, podemos dizer “era uma vez”. Apenas nós contamos, escrevemos, criamos situações e imaginamos.

Segundo Sisto (2012), “as experiências vividas e sentidas pelo leitor não se encerram ao final da história. Elas ficam “volteando” pelos meandros do ser humano” (SISTO, 2012, p.15). Percebo isso na minha prática, quando as crianças recontam, querem pegar o livro para ler e pedem para contar de novo.

Dessa forma, é imprescindível que o professor de educação infantil conte histórias para os seus alunos, pois, segundo Mota (2011), “Nota-se que em salas de aula onde as crianças estão sempre ouvindo histórias, elas são também frequentemente as mais expressivas, falantes” (MOTA, 2011 p.123). Observo isso na minha prática, uma vez que as crianças além de falarem muito, recontam histórias (imitando a professora) e ainda fazem leitura sem decodificação do signo verbal escrito, atribuindo sentidos às imagens dos livros ou de memória, conforme o que ouviram.

A doutora Risonete de Almeida (2014), em sua tese, diz que “As crianças atribuem sentidos às atividades de leitura e demonstram conhecer aspectos

inerentes a esse ato.” A pesquisa foi feita em uma sala de educação infantil, grupo cinco. Percebo o quanto isto é verdadeiro, pois observo à relação que as crianças têm com os livros, a forma como manuseiam, a importância que dão ao ato de contar histórias.

Utilizei também os conhecimentos de Kramer (2011), pois ela entende a leitura e a escrita como experiência. “Leitura e escrita podem ser formadoras podem contribuir para o processo de constituição de sujeitos sociais que tenham valores e modos de agir que hoje parecem fora de moda” (KRAMER, 2011, p.32)

Para Vygotsky (1992), o conceito de pensamento verbal é a capacidade que o homem tem de conectar a linguagem ao pensamento para compreender a realidade, isto faz com que os homens se diferenciem dos demais animais, uma vez que, com esta capacidade, o pensamento deixa de ser biológico e passa a se tornar histórico social. A construção dos significados das palavras é a sua maior marca. E ela surge por volta de dois anos, quando a criança já tem uma apropriação da fala e constrói os conceitos sobre os objetos. Isso significa que, à medida que vai crescendo, a criança vai se apropriando da linguagem e do mundo letrado que a rodeia e, quanto maior o contato dela com esse mundo, mais facilitará o seu processo de aprendizagem da leitura e escrita. Entendendo-se a linguagem como meio de relação do ser com o mundo, as crianças compreendem o mundo em contato com a linguagem.

Primeiramente, optei por Vygotsky (1992) porque para ele “O ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social”. Isso significa que as interações sociais são fundamentais para o desenvolvimento da pessoa. Ainda mais, ele defende que o meio, as experiências que foram vividas que irão determinar o comportamento de cada indivíduo. Ele ainda continua dizendo que “A cultura torna-se parte da natureza humana no processo histórico”. A partir desse entendimento, considero importante trazê-lo para a minha pesquisa, uma vez que o livro escolhido para a pesquisa trata da história e cultura africana.

Além do mais, percebo o quanto o Pensamento Simbólico de Vygotsky é uma realidade para a criança, uma vez que as representações simbólicas fazem parte do seu mundo.

Para Gonzalez (2014), a linguagem é o arranjo sistemático de símbolos arbitrários com significados generalizados. Esses símbolos arbitrários são ligados ao

modo como pensamos e entendemos o mundo. Após esta breve consideração sobre a linguagem, tratarei da relação da criança com o grupo social o qual faz parte.

A família, a escola, todas as pessoas que convivem com a criança têm o papel fundamental na construção da sua identidade, pois a criança vai, primordialmente, reproduzir e agir da forma como ouvirem os adultos falarem e agirem. Nesse sentido, a literatura tem um papel fundamental na construção identitária porque é através dela que a criança tem contato com diversas personagens que a ajudarão na construção de sua identidade. Após abordar a literatura, vou tratar agora do ato de contar histórias, uma vez que contar histórias é uma das formas de se trabalhar a literatura na Educação Infantil.

O ato de contar histórias é bem antigo, reforçava crenças, mitos, fatos, que muitas vezes, tornavam-se a cultura de um povo. As histórias fascinam a todos: crianças, jovens e adultos, pois a natureza humana é curiosa, daí surge o interesse quando alguém começa a contar uma história. Além disso, segundo Pessoa (2009), “Contar histórias é um exercício de intimidade. Uma relação profunda entre o narrador, a história e o ouvinte, tendo como elemento principal a narrativa, o texto que é dito” (PESSOA, 2011, p.79).

É comum as crianças pedirem para nós, professores, contarmos a mesma história por várias vezes. Ainda na linha com Soares (2012):

A criança “pede” para sentir medo do lobo mau por diversas vezes, porque é através dele que poderá sustentar o espaço vazio para inventar, criar respostas próprias, esboçando assim um movimento que será garantido, mais tarde, pela função paterna (SOARES, 2012, p.177)

A criança brinca com sentimento de medo, por exemplo, (poderia ser outro sentimento) porque ela sabe que, em verdade, esses contos não são reais. Nesse sentido, ela pode imaginar ser quem ela quiser, no entanto, com a possibilidade de retornar à realidade na hora em que quiser. Yunes (apud Soares) reverbera que:

Os contos de fadas utilizam a mesma matéria dos mitos: embora lidem com elementos do inconsciente que pertencem ao gênero humano (coletivo, portanto), aplicam-se ao particular e individual aproximando-se das angústias e impasses de ordem pessoal. (SOARES, 2012, p.181)

Os contos de Fada possuem uma dimensão subjetiva muito grande, o que significa que cada criança terá uma identificação muito particular com algum

personagem ou alguma situação de uma determinada história. Isso significa que, por exemplo, chapeuzinho vermelho pode tocar muito Luluzinha, mas não tem significado algum para Aninha pois o que fascina Aninha são as tranças de Rapunzel, o que direciona esses interesses são questões inconscientes e de ordem muito pessoal.

Segundo Soares (2012), o imaginário, principalmente para crianças que têm a necessidade dele, utilizando-o como recurso para a compreensão de si e da realidade, é peça essencial, no processo de aprendizagem de cada um. Dessa forma, os contos infantis, juntamente com outros recursos imaginários, são caminhos utilizados pelas crianças para resolver suas questões, no campo do saber, a fim de que possam vir também a utilizá-los, mais tarde, para construir conhecimentos.

Todas essas questões anteriormente abordadas, relação da criança com o conto de fadas, interesse pessoal por um especificamente, rejeição de outro, seus medos, etc., contribuem para a construção identitária do sujeito, pois é a partir dessas experiências vividas que a criança vai construindo a sua identidade. Por isso, ela precisa brincar de representar vários papéis, como por exemplo: princesa/príncipe, bruxa, mãe/pai, médica, professora, cabeleireira, além de representar simbolicamente as situações vividas no seu cotidiano. Segundo Hall (1996), “As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência”. Dessa forma, elas têm a ver com o uso dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, porém daquilo que nos tornamos. É nessa perspectiva que a última seção desse trabalho defende que as crianças vão construindo suas identidades para sempre.

Hall (1996) continua: “As identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático.” Isso ocorre desde a mais tenra idade e a literatura tem um papel fundamental nessa construção imaginária.

Diante do exposto, posso concluir que a identidade e a literatura são pilares fundamentais na minha pesquisa, uma vez que o livro escolhido provoca uma questão identitária que é O cabelo de Lelê. Trataremos na próxima seção de como ocorreu à pesquisa.

### 3 E FOI ASSIM QUE TUDO ACONTECEU: PERCURSOS E PERCALÇOS.

Segundo Macedo (2015), “A pesquisa é uma aventura sempre pensada”. A partir dessa ideia do ilustre pesquisador, creio que, como pesquisadora tive que estar preparada para o imprevisto. Sei que o campo de pesquisa não está lá acabado, apenas esperando o pesquisador. O campo de pesquisa é tão humano quanto nós. Isto significa que ele apresenta o paradoxo, a ambivalência, a contradição e o imprevisto. Foi uma pesquisa interessada em ouvir a criança.

A minha pesquisa foi alicerçada na etnopesquisa de base qualitativa. Estive submersa no campo respirando a todo o momento a pesquisa, sendo professora e pesquisadora. Eu fui registrando tudo o que os sujeitos da pesquisa falavam, filmando ou escrevendo no diário de campo. Segundo Gómez (2007), na pesquisa em educação

[...]São utilizados intensamente instrumentos de registros e relato de dados, reflexões, impressões e acontecimentos: o diário de campo, no qual costuma-se registrar, sem excessiva preocupação [...] a corrente de acontecimentos e impressões que o investigador observa, vive, recebe e experimenta durante sua estada no campo, neste caso a escola e a sala de aula. (GÓMEZ, 2007, p.109)

Ainda na visão de Macedo (2010) os trabalhos de base empírica tinham, em geral, a tarefa de achar no empírico justificativas para as teorias cultuadas, os sujeitos falavam pela boca das elaborações teóricas (MACEDO, 2010,p.69).Nessa perspectiva, os sujeitos da minha pesquisa são teóricos como quaisquer outros.

Percebi durante a pesquisa episódios de “flagrantes ressonantes”, entendimento de Almeida (2014) que tomarei de empréstimo:

Os flagrantes ressonantes se destacam como mediadores necessários para interpretação dos dizeres das crianças que podem ressoar na Educação Infantil e, assim, contribuir para a construção de práticas dialógicas a partir dos sentidos atribuídos por elas. Eles surgem da atitude de “flagrar”[...]o elemento flagrante é relacionado ao que procede a alguém, enquanto que o elemento ressonante é relacionado ao que se dirige a alguém. (ALMEIDA, 2014, p.82),

Os flagrantes ressonantes foram momentos em que os sujeitos falavam sobre o cabelo de Lelê sem que eu esperasse. Aconteceu com Lila certa vez, ela estava brincando no balanço quando falou: “O cabelo de Lelê é engraçado”, então logo eu

perguntei: “Porque você acha engraçado?” e ela respondeu: “Porque é muito engraçado”

A pesquisa teve como objetivo geral analisar a relação das representações simbólicas e a identidade das crianças sobre a história “O cabelo de Lelé” Os objetivos específicos foram: descrever a relação entre a contação de história e a relação que a criança faz consigo mesma, explicitar a situação identitária das crianças de descendência afro a partir da história “O cabelo de Lelé” e descrever a relação que fazem entre a história e as suas ideias construídas sobre etnias.

Durante a minha trajetória nesta pesquisa, persegui a todo instante a seguinte pergunta: “Que representações as crianças do grupo três fazem de si e de suas representações identitárias a partir da história “O cabelo de Lelé”? Esta pergunta foi o meu problema da pesquisa.

A proposta do Terceiro Curso de Pós Graduação em Docência na Educação Infantil UFBA /SEB/MEC foi para fazermos uma pesquisa com as crianças dentro da nossa própria sala de aula. Dessa forma, a UFBA nos forneceu um documento, solicitando a autorização da comunidade escolar para a realização da pesquisa e, assim, nós tivemos acesso ao campo e aos sujeitos da pesquisa: nossas próprias crianças. A aceitação da minha pesquisa pela comunidade escolar foi boa. As pessoas me acolheram bem, colaboraram e quanto à aceitação, não tive dificuldade alguma. Atuei como professora e pesquisadora, ao mesmo tempo.

Para produzir as informações no campo da pesquisa, iniciei primeiramente apresentando a capa do livro aos sujeitos da minha pesquisa que, ao olhar, começaram a emitir opiniões sobre o que estavam vendo: “É um bebê e ele está descalço”, disse Loló. “Não é um bebê não, é uma menina”, disse Lili. Conteí a história para eles, após emitirem suas opiniões. Em outro momento, uma semana depois, perguntei quem se lembrava de Lelé? Estava com o livro na mão quando Lалу falou: “Não quero ver porque a gente já viu, é assustador”. Nessa mesma linha de pensamento, Lelé expressou-se: “Tô com medo de voar o cabelo dela. Tem um monstro aí também”.

Com as falas de Lалу e Lelé, percebi que com essa mesma história é possível realizar uma pesquisa, seguindo uma vertente psicológica, ao invés de identitária. No entanto, optei pelo foco da minha pesquisa na identidade.

Ainda para produzir informações, questionei se eles conheciam alguém como Lelê, em caso positivo “quem”? Utilizei ainda do relato de história feito pelos sujeitos de pesquisa, o qual foi registrado através de vídeos.

Ocorre que as informações que obtive nos vídeos não contemplaram o meu problema de pesquisa, por isso, tive que desprezá-las. No entanto, vou deixá-las registradas aqui: Leli, ao recontar a história com o livro na mão, do mesmo jeito que eu conto a história para eles, disse: “Ela está louca”. Ela falou isto em todas as páginas que Lelê aparece com o cabelo solto. Esse é mais um dado para a realização da pesquisa na linha psicológica. Lalu, por sua vez, memorizou algumas partes da história e recontava. Quando chegava à parte que ele não lembrava, pedia: “Pró, leia aqui pra mim” e insistia “leia pró” [...] “É que eu não sei contar direito”. Isso ele fala na última página do livro. Também desprezei esta informação de Lalu para não perder o foco da minha pesquisa, que é a questão identitária

Para desenvolver esta pesquisa e a análise dos dados, tomei de empréstimo os pensamentos dos teóricos Hall, Vygotsky e Macedo. Na sequência, farei uma exposição do cenário e sujeitos de pesquisa.

### 3.1 CENÁRIO E SUJEITOS DE PESQUISA.

O CMEI, cenário da pesquisa, é muito pequeno, não tem espaço externo para a criança brincar, pular e correr. A sala tem uma estante onde ficam os livros infantis, que as crianças têm acesso. Não é um cantinho de leitura, as crianças pegam os livros lá e levam pra ler ou sentados na mesa, ou na rodinha, sentados no chão, uma vez que não tem como eles sentarem juntos da estante. O acervo não é muito grande, mas temos as coleções dos livros de Ziraldo e os livros de *pop-ups*, que são livros que saem imagens de dentro (estas imagens, na sua maioria de bichos, saltam ao leitor). As crianças também têm acesso a revistas e jornais, os quais são manipulados, não apenas para leitura, mas para pesquisas didáticas feitas na sala de aula. A escola situa-se no bairro Nordeste de Amaralina em Salvador, que é um bairro que fica no centro da cidade, junto da orla de Amaralina, que é muito agradável, mas é marcado pela violência.

O CMEI não tem biblioteca. O livro “O cabelo de Lelê” faz parte do meu acervo pessoal. Eu queria um livro que contemplasse a cultura afro por representar grande parte dos alunos dessa unidade escolar, além da minha turma específica.

Pensei, em um primeiro momento, no livro "Menina bonita do laço de fita", mas foi apenas como uma leve possibilidade, pois logo em seguida optei pelo livro "O cabelo de Lelê", de Valéria Belém. Essa escolha deu-se por critérios subjetivos de afinidade minha com a história.

Os sujeitos da pesquisa foram quinze crianças de até três anos e onze meses de idade que estudam no turno vespertino, residentes no Nordeste de Amaralina, Chapada e Vale das Pedrinhas. São crianças pardas (50%), negras (30%) e brancas (20%), filhas de trabalhadores, que têm um desenvolvimento físico, mental e um vocabulário adequado para a idade; gostam de brincar, gostam de ir para a escola, são curiosas e interessam-se pelas histórias que são contadas pela professora. Elas representam simbolicamente a sua realidade quando estão brincando: imitam a mãe, a professora e fatos que vivenciaram, que foram significativos para elas. A pesquisa foi desenvolvida na minha sala de aula do grupo três, vespertino, de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) em Salvador. O CMEI tem uma gestora, uma vice-gestora, uma coordenadora, uma secretária, três auxiliares de secretaria, sendo uma efetiva e duas terceirizadas, cinco docentes todas pedagogas, com cargo efetivo na Rede, três auxiliares de desenvolvimento infantil, uma merendeira, quatro vigilantes e três pessoas que atuam em serviços gerais. O espaço dispõe de uma secretaria, três salas de aula, sendo duas em cima e uma de baixo, onde se têm acesso por uma escada, dois banheiros em cima, além de um pequeno depósito.

A sala onde atuo fica na parte de baixo, é muito pequena e a cozinha fica junto da sala. Para fazer uma atividade de Movimento, preciso empilhar mesas e cadeiras, por não termos espaços. No entanto, tenho uma estante com diversos livros infantis, na altura das crianças, onde elas podem viajar pelo fantástico mundo letrado. A maioria das crianças gosta muito de manusear esses livros.

Como já foi dito anteriormente, acredito que a cultura afro precisa ser valorizada na nossa sociedade, além do mais, a lei 10.639/2003 prevê o ensino da história e cultura afro brasileira e africana. No entanto, percebo uma falha na lei, pois ela não contempla a educação infantil, mas apenas o ensino fundamental. Acredito que desde tenra idade, as crianças precisam conhecer a história e cultura afro para que se apropriem, valorizem e respeitem essa cultura, além de perceber o quanto ela faz parte das nossas vivências

Para tanto, a linguagem, os tipos de livros e textos devem ser adequados à criança pequena. Assim, a criança irá se interessar pelo conteúdo que está sendo trabalhado e atribuirá sentidos a essa nova aprendizagem. Esta e qualquer aprendizagem precisa ser significativa para a criança, ou então não terá sentido algum.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup> considera a classe de renda familiar baseada no salário mínimo. A grande maioria dos sujeitos da pesquisa tem a renda familiar de dois a três salários mínimos. Apenas dois sujeitos têm a renda familiar de um salário mínimo. Quanto à etnia, com base na lista de matrícula na qual os pais declaram a cor dos filhos, 50% das crianças são pardas, 30% são negras e 20% são brancas. Quanto ao gênero, tenho dez meninos e cinco meninas, totalizando quinze crianças. São crianças frequentes, que dificilmente faltam à escola. Eles vão pra escola mesmo com o tempo adverso, como muita chuva, por exemplo. Só não vão quando estão doentes.

Com o intuito de salvaguardar a imagem dos sujeitos de pesquisa, são tratados por nomes fictícios, tais como: Lalá, Lelé, Lili, Loló, Lulu, Lalu, Luli e Leli. Na próxima subseção, tratarei das representações simbólicas e sua relação com o cabelo de Lelé, explicitarei o registro dos dados (as falas das crianças), fazendo a relação com os teóricos Hall e Vygotsky.

### 3.2 AS REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DAS CRIANÇAS E SUA RELAÇÃO COM O CABELO DE LELÊ.

A pesquisa discutiu as travessias das crianças no percurso da sua construção identitária, a partir do livro "cabelo de Lelé" e suas representações simbólicas acerca do texto literário.

As crianças tiveram a oportunidade de verbalizar suas opiniões sobre a história, se gostaram ou não e por que, se conheciam alguém como Lelé e, no caso afirmativo, quem? Todas as falas foram registradas pela professora-pesquisadora em seu diário de campo. Sobre esse instrumento, Macedo nos traz o seguinte ensinamento:

---

<sup>3</sup>[WWW.ibge.gov.br](http://WWW.ibge.gov.br), acesso em 17 de maio de 2016, às 18h36min09s

De tão valorizado como um dispositivo experiencial, formativo e de pesquisa, a prática do diário criou um campo próprio de onde emergem “diaristas” internacionalmente conhecidos pelas suas pesquisas e obras como Jerome Bruner, Rémi Hess, (...) Ademais, o próprio diário tem vivido uma experiência autopoética significativa, no seu multiuso em vários campos da atividade das ciências antropológicas e da educação. Uma síntese aqui é possível: o diário é um dispositivo narrativo denso e amplamente experiencial (MACEDO, 2015, p. 66).

Ter o diário de campo à mão dá a possibilidade, ao pesquisador, de registrar a fala do sujeito da pesquisa quando não se espera que ele fale, é quando o pesquisador “pega no ar” uma fala que, muitas vezes, será muito importante para a sua pesquisa. Dessa forma, o diário de campo também deve ser utilizado nessas ocasiões e não apenas em momentos pré-determinados.

Durante o percurso de pesquisa, percebi o quanto o campo da pesquisa é ambivalente e contraditório e isso é explicável, pois a nossa natureza humana também é ambivalente e contraditória. Sendo assim, no tratamento dos dados, selecionei as informações produzidas junto aos sujeitos de pesquisa, uma vez que muitas se repetiam e desprezei outras, que não julguei relevantes para a proposta da minha pesquisa. Desta forma, procurei selecionar critérios que estivessem de acordo com os objetivos da pesquisa, discutindo a identidade étnica.

Iniciei a minha pesquisa ao contar a história. Comecei explorando a capa do livro. Com o livro fechado, fui perguntando às crianças o que estavam vendo ali e fui registrando no diário. Em seguida, contei a história e posteriormente fui questionando-as sobre o enredo. A partir das perguntas que foram feitas às crianças sobre Lelê, “Vocês gostaram da história?” “O que acharam da história?”, “Vocês conhecem alguém como Lelê?” e em outro momento, “Quem se lembra da história “O cabelo de Lelê? Fiz um quadro com colunas dispondo o nome de cada sujeito em cima de cada coluna, embaixo do nome de cada um, escrevi tudo que disseram, depois fui selecionando as falas por cores. Respostas iguais ou parecidas ficavam com a mesma cor. Separei as falas por significados, agrupando-as por igualdade de ideias. Em uma coluna, registrei o nome de todos que me disseram que não gostaram da história e porque não gostaram. Esse bloco ficou de vermelho. Em outra coluna, registrei as falas dos sujeitos que disseram que gostaram da história e porque gostaram, esse bloco ficou verde. Em outra coluna, registrei o que ouvi de positivo em relação à história e quem se identificou com esta. Registrei de azul. Em

outra coluna, registrei as falas dos sujeitos que expressavam medo em relação à história, como “O livro é assustador”(Lalu), “Tenho medo de voar o cabelo dela, tem um monstro aí também” (Lelé) e “Ela está louca” (Leli). Foi registrado de rosa, mas apesar do registro, estas informações foram desprezadas, pois fogem do foco da pesquisa. Registrei em outra coluna, quem demonstrou uma atitude repulsiva em relação a Lelé, como “cabelo de maluca” (Lili). Utilizei a cor lilás.

Percebi, ao fazer esses agrupamentos, que muitas respostas se repetiam, então selecionei as respostas mais completas para fazer a análise dos dados. Para tanto, utilizei como critério de relevância a identidade, que são as falas das crianças em relação a Lelé e a si mesmas. Utilizei desse critério com o intuito de perseguir o objetivo de pesquisa que é analisar a relação das representações simbólicas e a identidade das crianças sobre a história “O cabelo de Lelé”. Diante das informações fornecidas pelos sujeitos de pesquisa sobre o livro “O cabelo de Lelé” destaquei as seguintes construções simbólicas sobre identidade, que nos ajudam a entender que representações simbólicas as crianças do grupo três fazem de si e de suas representações identitárias a partir da história “O cabelo de Lelé”?

A música “Sampa”, de Caetano Veloso, fala da sua identidade, em que eles e descobriu quando se viu em lugar diferente, com o qual ele não se identificou. Fiz a relação da minha pesquisa com essa música, pois ambas têm uma similitude, da mesma forma que Caetano teve uma repulsa em relação a São Paulo, as crianças, em sua maioria, tiveram uma repulsa com o cabelo de Lelé. A minha motivação em dar os subtítulos a partir da música Sampa foi quando percebi a similaridade entre as duas situações. Vamos às falas:

### **3.2.1 Fala Repulsiva: “É que Narciso acha feio, o que não é espelho”**

Leli diz que “O cabelo de Lelé é sujo, tem que lavar, tem que enrolar e pentear o cabelo”. E diz que “Ele vai cair, vai ficar só a careca, vai cortar. O de Luli tem cacho. Este é estranho. O livro de Lelé é grande.”

A partir da fala dessa criança, percebo que ela não aceita o cabelo de Lelé como ele é, mas tem que enrolar e pentear e ainda diz que é sujo, informação que não é dita no livro. Ela compara o cabelo de Lelé com a da colega Luli, que é cheio de cachinhos feitos pela mãe dela.

Leli tem o cabelo comprido e liso. Ela traduz em sua fala um estranhamento do cabelo como o da personagem do livro o que me indica que ela não tem vivências com pessoas que usam os cabelos da forma como Lelê usa. Para Hall (1996), “O que está em questão, aqui, é a capacidade de auto-reconhecimento”. Leli não se auto-reconheceu na personagem, pois esta tem a etnia muito diferente da dela. Ela apresenta um modelo de como deve ser usado o cabelo: declara que deve ser enrolado e penteado. Uma vez que a criança tenha cabelos lisos e compridos, diferentes do apresentado na obra literária, então ela procura um modelo que esteja mais próximo à sua realidade e cita a colega Luli.

Assim, Leli não se identificou com a história porque ela tem a etnia diferente da personagem em tela, por isso ela se expressa “Esse é estranho” e daí que posso relacionar com a composição de Veloso (1978) quando diz “é que Narciso acha feio o que não é espelho”.

### **3.2.2 Fala contraditória: “Ergue e destrói coisas belas”...**

Loló diz que:

Lelê tem o cabelo grandão, bem maior que o seu rosto. Lelê não toma banho e passa perfume. Lelê toma banho quando vai à festa, Lelê foi pra a festa sem tomar banho, ficou suja e nem lavou o cabelo (cabelo sujo). Cabelo grande, duro, igual ao meu.

Com esta fala de Loló, me remeto a Hall (1996): “[...]ter a capacidade para fazer um “reconhecimento falso” de si próprio”. O cabelo de Loló não é grande e por isto o reconhecimento falso. Hall (2006) nos ensina que “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. Loló deixou claro que se identifica com o cabelo “Duro, igual ao meu”. Mas, por outro lado, diz que o seu cabelo é grande, quando não é. Loló, ao mesmo tempo em que se identifica com a personagem, demonstra uma atitude repulsiva em relação ela.

Percebo, através da fala de Loló, uma ideia preconcebida em relação à Lelê, uma vez que o livro em momento algum fala de higiene. A contradição é clara nesta fala, talvez ele quisesse dizer: “Ela deveria tomar banho para ir pra festa, mas foi para festa sem tomar banho.” De qualquer forma, ficam as perguntas: Por que Loló afirma que Lelê não toma banho? Porque tem a pele escura? Ela não passa

perfume, então não é cheirosa? Levanto estes questionamentos para tentar analisar a fala deste sujeito. Ele diz que Lelê “toma banho pra ir pra festa”, o que nos leva a pensar que em sua vivência, ele aprendeu com a sua família que: pra ir pra festa necessariamente tem que se tomar banho antes e posteriormente, passar perfume. Apesar de eu não ter a resposta do sujeito da pesquisa para a pergunta “Porque Lelê não toma banho?”, uma vez que ele transferiu-se de cidade, passando a estudar no interior; posso relatar que, certa vez este sujeito já chegou à escola, se dirigiu a mim e falou: “Pró, eu não tomei banho pra vim à escola, não.” Isto sem ninguém ter perguntado se ele tomou banho. Em outra ocasião, conversando com os alunos sobre a higiene que devemos ter com o nosso corpo, esta mesma criança disse que não tinha tomado banho. O que me faz analisar que ele não foi atendido em sua necessidade básica e ficou sentido por isto. Segundo Hall(1996), “É pouco provável que o “falso reconhecimento” apareça na criança de um só golpe, caracterizando um momento claramente marcado por um “antes” e por um “depois”. Ele vivenciou a experiência de não tomar banho e a representou simbolicamente na história.

### **3.2.3 Fala reconhecimento: “Chamei de mau gosto o que vi...”**

Lili diz que: “Lelê tem um cabelo de maluca, é feia por causa do cabelo, caiu na piscina e é duro. Cabelo igual ao meu, mas é duro. Igual ao de Lila (Lila é uma criança que tem o cabelo muito grande e liso, na altura dos quadris). Lili faz um “reconhecimento falso” de si própria no reflexo do olhar do outro, “que é tudo o de que precisamos para colocar em movimento a passagem entre o Imaginário e o Simbólico” (HALL, 1996, p.117) Trago este pensamento de Hall para fundamentar que o cabelo de Lili (curto e crespo) é muito diferente do de Lila (liso e comprido). Por isto, “o reconhecimento falso” de Hall. E Lili continua: “O cabelo de Lelê é cheio.” Perguntei a ela o que achava da história e tive como resposta: “Não acho nada, porque ela tem o cabelo maluco.”

A fala de Lili nos remete à seguinte reflexão: o cabelo ao natural, crespo ou assanhado, ela traduz como “cabelo de maluca”. Provavelmente, ela deve ter ouvido em casa: “Vamos pentear este cabelo, está parecendo cabelo de maluca”. Quando ela diz que “caiu na piscina e é duro”, acredito que a apropriação desta fala se deu a

partir da sua própria experiência ao tomar banho de piscina e perceber “os cabelos duros” por causa do cloro.

Apesar das contradições das falas de Loló e Lili, observei que ambos se identificaram com o cabelo crespo de Lelê. Quando eles disseram: “igual ao meu” há uma identificação uma vez que, ambos têm cabelos crespos. Por outro lado, percebi uma repulsa de Lili ao falar: “cabelo de maluca” e é feia por causa do cabelo.

A maioria falou que conhece alguém com aquele cabelo. Lalá disse que conhece-o mesmo. Ele se identificou com a história, como a maior parte das crianças, principalmente quando aparecem os penteados. Eles falavam: “Parece a minha mãe! É a minha tia! Aqui é a tia Edna, aqui sou eu.”

Diante das falas das crianças, pude perceber que elas reagem de forma repulsiva ao cabelo crespo da personagem do livro literário, provavelmente por não terem contato com pessoas que têm o mesmo biótipo de Lelê. Isto me remete à música “Sampa” do cantor e compositor Caetano Veloso: “... é que Narciso acha feio o que não é espelho”, ou seja, o senso comum do humano: “é diferente de mim, então eu não gosto, é feio” ou, ao contrário tem contato com pessoas que têm o cabelo crespo da personagem e até se identificam com os penteados de Lelê, mas reproduzem experiências vividas anteriormente, como exemplo: “vamos pentear os cabelos, está parecendo uma maluca” ou “seu cabelo está duro da piscina”. São falas do senso comum, que fazem parte da nossa cultura. Para Vygotsky (1992), “A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem”.

#### **3.2.4 Fala identitária: “E novos baianos te podem curtir numa boa...”**

Lalá aceita bem a sua identidade, ele tem a pele negra e se reconheceu na história. Em nenhum momento, ele expressou-se de forma repulsiva em relação ao cabelo crespo de Lelê. Mas, ao contrário, se identificou com a personagem do livro. Já tinha observado isso ao longo da pesquisa e pude comprovar no dia 20 de novembro, dia em que fizemos um desfile em homenagem à consciência negra, e ele desfilou muito lindo, encantando a todos.

Lalá e Lulu foram os únicos sujeitos da pesquisa que se identificaram completamente com a história, Lulu tem a pele bem mais clara do que Lalá, mas

também tem a etnia afro, percebi o quanto ele gostou da história não só porque ele me falou, mas por causa do seu semblante de aceitação. Só percebi atitudes positivas desses dois sujeitos em relação à história. Eles não só gostaram, mas demonstraram uma aceitação muito positiva do enredo. Assim como Lalá, Lulu também aceita bem a sua identidade. Durante todo o percurso da pesquisa, eles sempre se expressaram positivamente em relação à história. Os dois são de descendência afro.

#### 4 E AS CRIANÇAS VÃO CONSTRUINDO IDENTIDADES PARA SEMPRE

Nesse caminho de construção identitária, percebi, na prática, o quanto as crianças aprendem com a contação de histórias, mas para saber o que elas pensam sobre essa prática, tenho que necessariamente penetrar em seu mundo.

E na minha prática, vejo o quanto isso é verdadeiro, o quanto é importante entrar em seu mundo, dar espaços para as crianças se expressarem, uma vez que elas têm essa necessidade, querem mostrar o machucado, o sapato novo, a pulseira, etc. Além do mais, a criança fala não só através da voz, mas da linguagem corporal e dos desenhos. O professor deve estar atento para essas vozes, mesmo quando lhe parecer que, aquilo que está sendo dito pela criança, não lhe é pertinente, pois “não tem relação com o conteúdo que está sendo trabalhado no momento” ou, simplesmente, “não é hora de conversa.”

Para essa pesquisa ter sido realizada, tive que necessariamente escutar as crianças. Assim, aprendi que o professor deve ter com ele sempre a escuta sensível da criança, além de estimular que as crianças falem com o intuito de desenvolver a oralidade. Além do mais, para a voz a criança ser considerada, ela precisa ser respeitada como um sujeito de direitos que é. Definitivamente, ela não é um ser incompleto ou um ser em miniatura, como já foi concebida.

A Educação Infantil tem um papel fundamental no desenvolvimento do sujeito, pois ela é a base para a criança conquistar habilidades no campo da linguagem, da matemática, no aspecto sensório-motor, na música e nas artes visuais. São habilidades que precisam ser desenvolvidas para o êxito da criança futuramente no Ensino Fundamental I.

Diante de todo o exposto sobre o tema: “Lelê gosta do que vê, e você? As travessias das crianças no percurso da sua construção identitária” percebi o quanto as crianças são contraditórias, pois, ao mesmo tempo que se identificaram com a história, tiveram uma atitude repulsiva em relação à mesma.

A partir da pergunta da pesquisa: “Que representações simbólicas as crianças do grupo três fazem de si e de suas representações identitárias a partir da história “O cabelo de Lelê? foi desenvolvido este trabalho.

Persegui pra encontrar a resposta através da escuta sensível da criança, dos registros no diário de campo e dos vídeos sobre o reconto da história. Procurei estar a todo instante com essa questão na minha mente, para não desviar do caminho e

perder o foco. Como já foi dito na subseção anterior, apenas Lalá e Lulu demonstraram uma total aceitação da personagem da história. Eles se identificaram com a história, trazendo as imagens do livro para o seu cotidiano, inclusive utilizando-se das representações dos penteados para identificarem a si mesmos e às pessoas da sua família: “aqui sou eu, aqui é minha mãe, aqui é minha tia Edna”.

As demais crianças também se identificaram em relação às representações dos penteados, (aqui sou eu, aqui é minha mãe, minha tia...), mas a contradição das falas dessas crianças ficou muito evidente, uma vez que, apesar da identificação, quando perguntei o que acharam da história, tive a resposta: “Não achei nada, porque ela tem o cabelo maluco. Cabelo de maluca”, disse Lili.

Dessa forma, a resposta que encontrei foi que apesar de ter havido a identificação com os penteados, a maioria dos sujeitos da pesquisa tem uma construção identitária que discrimina a própria etnia, no momento em que as crianças reagem de forma repulsiva ao cabelo crespo da personagem do livro literário quando afirmam: “É feia”, “cabelo duro, igual ao meu”, “cabelo de maluca”, “está louca”, “não tomou banho”, “não passa perfume” e “está suja”.

Diante da repulsividade das crianças em relação ao cabelo da personagem, percebo que grande parte dos sujeitos da pesquisa, apesar de serem afro-descendentes, não se aceitam como tal.

Percebi, com este trabalho, que existe uma carência de valorização da cultura africana por parte de toda a sociedade. Deveria existir uma lei mais severa de obrigatoriedade desse estudo desde a educação infantil. A lei 10.639/2003 deveria ser expandida para o supracitado segmento de ensino. Para que existe o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa do Estado da Bahia, se não for para ser colocado em prática com ações educativas e efetivas? Não que isso por si só resolva essa situação descrita nesta pesquisa, mas é preciso que a escola faça a sua parte.

Acredito que a valorização da cultura afro-descendente deve começar desde a Educação Infantil. Utilizando a literatura em tela, pode-se fazer um lindíssimo projeto sobre a cultura afro. Um projeto que valorize a identidade afro, que incentive as meninas e os meninos a usar o seu cabelo solto, assim como Lelê. Projeto esse que as estimulem a aceitar a sua própria identidade como, por exemplo, poder-se-ia brincar de salão de beleza, onde as crianças utilizem penteados iguais ao de Lelê. No percurso da aceitação da própria identidade, outra ideia também é fazer “o

dia do cabelo solto”. Nesse dia, todas as meninas da escola deveriam usar o cabelo solto.

Apesar de já existirem livros como “O cabelo de Lelê”, “Menina bonita do laço de fita”, “As tranças de Binton”, “O menino marrom”, ainda temos um longo caminho a percorrer na busca da valorização da cultura e etnia afro.

Quanto à identidade, essa não existe de forma completa, plenamente unificada, segura e coerente. Ao contrário, a partir do momento em que vamos tendo contato com diversos sistemas culturais, somos confrontados com diversas identidades, com que poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. Dessa forma, a identidade não é algo estático, mas é construída dia a dia. Nesse sentido, após fechar o livro “O cabelo de Lelê”, as crianças vão construindo suas identidades para sempre.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Risonete Lima de. **Cenas Simbólicas e Enunciação Oral: ressonâncias de sentidos na Educação Infantil**. 2014 disponível em: <https://repositorio.ufba.br>, acesso em 10 de julho de 2015.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**-Porto Alegre: Artmed: 2006.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Leleê**; ilustrações de Adriana Mendonça- São Paulo: IBEP, 2012.

BOMTEMPO, Edda. **A brincadeira de faz de conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário**– IN: “Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação”, Tizuko Morchida Kishimoto (org.): São Paulo: Cortez, 2011.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi e LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa?** IN: “Ler e Escrever na Educação Infantil – discutindo práticas pedagógicas”, 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**/ Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB,2010.

\_\_\_\_\_, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº10.639/2003**, disponível em: <HTTP://WWW.planalto.gov.br>, acesso em 10 de outubro de 2015, às 11h 32min 15s

BUELL, Marjorie Henserdon. **Revista Luluzinha.1935**, disponível em: <HTTP://www.almanaque.me/materiais/luluzinha>, acesso em 12 de maio de 2016, às 09h 48min 08s.

CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira e SILVA, Maria Reginalda Soares da **Etnopesquisa Crítica: Caminho (Método) Epistemológico e Metodológico para se fazer uma Pesquisa Qualitativa em Educação** –texto disponibilizado em aula, dia 30 de maio de 2015.

FARIAS, Carlos Aldemir **Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade**” – IN: “Contadores de Histórias -um exercício para muitas vozes” 1ª edição Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**, 5ª ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

GARDNER, Howard. **A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la**; trad. Carlos Alberto S. N. Soares – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GOMÉZ, A. I. Pérez e SACRISTÁN, J. Gimeno **Compreender e transformar o ensino**; tradução Ernani F da Fonseca Rosa-4 ed. – Artmed, 1998 (reimpressão 2007).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_**Quem precisa de identidade?**IN: “Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais”, Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis: Vozes, 2013.

KARLSSON, Liisa. **Tecendo histórias com crianças: uma chave para ouvir e compartilhar**– IN: “A criança fala – a escuta de crianças em pesquisa”, Silvia Helena Vieira Cruz (org.) São Paulo: Cortez, 2008.

KRAMER, Sônia, ROCHA, Eloisa A. C. **Educação Infantil: enfoques em diálogos**. Campinas – SP: Papyrus, 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**, 2ª edição Salvador: EDUFBA, 2004.

\_\_\_\_\_. **Etnopesquisa Crítica Etnopesquisa-Formação**. 2a edição Brasília: LIBERLIVRO, 2010.

\_\_\_\_\_. **“Pesquisar a Experiência – compreender/mediar saberes experienciais”**- Curitiba: CRV, 2015.

MATOS, Gislayne. **A palavra poética dos contadores** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. [www.escitoriodehistorias.com.br](http://www.escitoriodehistorias.com.br) , acesso em 25 de setembro de 2015, às 20h 30min 05s.

MICHAELIS, **Michaelis: dicionário prático da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

MOTA, Almir. **Da boca da noite para o acolhimento na escola**– IN: “Contadores de Histórias – um exercício para muitas vozes” 1ª edição Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.

MOYLES, Janet. **Fundamentos da Educação Infantil – enfrentando o desafio**, Porto Alegre: Artmed, 2010.

OLIVEIRA, Rosemary Lapa. **A leitura-estar-nomundo e a constituição do sujeito leitor** 2013 disponível em HTTP: repositório.ufba.br, acesso em 24 de maio de 2016, às 23h 47min 10s.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil fundamentos e métodos**, São Paulo: Cortez, 2011.

PESSOA, Augusto **Contando na telinha** – IN: “Contadores de Histórias – um exercício para muitas vozes” 1ª edição Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011.

PIAGET, VYGOTSKY, WALLON. **Teorias Psicogenéticas em Discussão** São Paulo: Summus Editorial, 1992.

RIOS, Guilherme Veiga. **Ensino de língua materna, letramento e identidades no campo da Educação** –IN: “Discursos, identidades e letramentos- abordagens da Análise de Discurso Crítica” / Maria Aparecida Resende Ottoni, Maria Cecília Lima (Organizadoras) – São Paulo: Cortez, 2014.

RUSSO, Renato. **Quase sem querer**, Álbum: Legião Urbana dois, 1986, disponível em: [WWW.vagalume.com.br/legiao-urbana/quase](http://WWW.vagalume.com.br/legiao-urbana/quase) sem querer, acesso em 28 de maio de 2016, às 22h 52min 10s.

SANTOS, Marlene Oliveira dos e RIBEIRO, Maria Isabel Souza (organizadoras) **Educação Infantil: os desafios estão postos! E o que estamos fazendo?**Salvador: Soffset, 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Estudos da Infância: educação e práticas sociais** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. Disponível em: [HTTP//www.cellosisto.com.br](http://www.cellosisto.com.br), acesso em 10 de julho de 2015, às 09h 30min 03s.

SOARES, Leila da Franca. **Contos infantis como produção imaginária da criança e sua relação com a aprendizagem**. IN: Estudos e Passagens do Proinfantil na Bahia / Mary de Andrade Arapiraca, Lícia Maria Freire Beltrão, Cleverson Suzart Silva, organizadores. Salvador: EDUFBA, 2012

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem: agora chega!**Porto Alegre: Artmed, 2005.

VELOSO, Caetano. **Sampa**, Álbum: Muito - Dentro da Estrela Azulada, 1978, Disponível em: [WWW.youtube.com](http://WWW.youtube.com), acesso em 17 de fevereiro de 2016, às 14h 02min 08s.